

Crenças religiosas e a autoridade da ciência:

Uma análise interdisciplinar no contexto da pandemia por COVID-19

Religious Beliefs and the Authority of Science

An interdisciplinary analysis in the context of Covid-19 Pandemics

Marília Giammarco Polli & Gesiel Borges da Silva

Resumo: Neste artigo, discutimos como o dilema entre autoridade científica e crenças religiosas, presente no contexto brasileiro da pandemia por COVID-19, se relaciona com a ideia de que há um conflito entre ciência e religião. A partir das contribuições de Harrison e Barbour, argumentamos que, enquanto o *modelo de conflito* entre ciência e religião não favorece a aceitação da autoridade da ciência em âmbitos religiosos, o de *diálogo* pode ajudar na reconstrução da confiança pública na ciência.

Palavras-chave: pandemia por COVID-19; pandemia; ciência e religião; crenças religiosas; autoridade científica; educação.

Abstract: In this article, we discuss how the dilemma between scientific authority and religious beliefs, in the present Brazilian context of the COVID-19 pandemic, is related to the idea of a conflict between science and religion. Based on the contributions of Harrison and Barbour, we argue that, while the *model of conflict* between science and religion does not favor the acceptance of the authority of science in religious domains, the model of dialogue can help in rebuilding public trust in science.

Keywords: COVID-19 pandemic; pandemic; science and religion; religious beliefs; science authority; education.

1. Introdução

A situação da pandemia pela COVID-19 tem deixado mais evidentes diversos problemas que sempre estiveram presentes na sociedade, tais como desigualdade social, violência doméstica, descaso com autoridade científica, propagação generalizada de

desinformações etc. Isso tem conduzido a comunidade acadêmica a revisitá-los com novos olhares, que os insiram e contextualizem nesse cenário atual, repleto de peculiaridades¹.

Dentre as realidades escancaradas pela pandemia ao redor do mundo, uma delas é a desconfiança em relação ao conhecimento científico. Mais do que nunca, está evidenciado o distanciamento que há entre a ciência e a sociedade – e, especificamente, a parcela da sociedade que se considera religiosa. Entendemos que esse distanciamento tem inúmeros motores – para citar alguns: interesses políticos, barreiras socioeconômicas, falta de acesso à educação e entraves linguísticos – e queremos aqui discutir apenas um deles, a saber: a crença de que há um conflito inerente entre ciência e religião.

Essa ideia de conflito entre ciência e religião está geralmente pressuposta no debate que se dá a nível público, e pode ser exemplificada pela tensão entre discursos religiosos e o ensino de teorias científicas.² Mas, se antes o debate se dava em torno de questões como o ensino de evolução nas escolas, recentemente tem se estendido para temas mais preocupantes em termos de saúde pública, como o movimento antivacina. Na pandemia, essa preocupação atingiu seu ápice: na medida em que a autoridade científica é questionada, medidas preventivas, como o uso de máscara, são negligenciadas, e vacinas já se tornam alvo de ataque (CARDOSO 2020). Cabe lembrar aqui que o Brasil é um país em que grande parte da população exerce algum tipo de religiosidade – de acordo com censo de 2010 do IBGE, 91,8% da população do Brasil subscreve a alguma religião (IBGE 2010: 91)³ – e que não há grandes indícios que isso tenderá a mudar num futuro próximo.⁴ Assim, dada a forte presença da religião e, em particular, da religião *evangélica* no Brasil, a necessidade de que essa população confie na ciência, especialmente em tempos de pandemia, se torna evidente.

Tendo em vista este panorama geral, queremos discutir neste artigo como o atual dilema entre autoridade científica e crenças religiosas se relaciona com a ideia de que há um conflito entre

¹ Agradecemos a Maira Trentin, Rafael Rodrigues Garcia, Fábio Bertato e Mahan Vaz, bem como aos revisores anônimos, pelas críticas e sugestões a versões anteriores deste artigo. Esta pesquisa foi possível com o apoio do subsídio n. 61108 («Formal approaches to philosophy of religion and analytic theology») da John Templeton Foundation. As opiniões expressas neste artigo são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente as opiniões da John Templeton Foundation.

² Podemos mencionar o debate que eclodiu em 2005 nos Estados Unidos em torno do ensino de evolução nas escolas como um exemplo dessa tensão (AA. VV. 2005).

³ Esse dado inclui as seguintes religiões, de acordo com o censo de 2010: Católica Apostólica Romana (64,6% da população brasileira), Evangélicas (22,2%), Espírita (2%), Umbanda e Candomblé (0,3%) e Outras Religiosidades (2,7%).

⁴ Apenas com exemplo, em 2000, 26,2 milhões de pessoas se declararam evangélicas (15,4% da população). Em 2010, esse número saltou para 42,6 milhões, correspondendo a 22,2% dos brasileiros. Isso equivale a um aumento de 61% da população evangélica do país. (QUEIROZ 2019)

ciência e religião. Tomaremos, como referencial teórico, as contribuições de Peter Harrison e Ian Barbour sobre a relação entre religião e ciência, os quais defendem que não há um conflito *inerente* entre esses dois campos, e que o diálogo entre eles é o caminho mais adequado, tanto com respeito à sua plausibilidade quanto à sua pertinência. Desse modo, propomos que é necessária a reconstrução de um diálogo saudável entre ciência e religião, que retome o papel da ciência como uma fonte confiável de conhecimento no espaço público.

2. Modelos de conflito e diálogo entre ciência e religião

É difícil caracterizar de modo claro a tese do conflito entre ciência e religião. Um dos motivos para essa dificuldade está na própria natureza dos termos. Peter Harrison, por exemplo, defende que *ciência* e *religião* não são categorias estáveis ou permanentes, mas designam atitudes variadas ao longo da história. Como ele mesmo afirma:

Ciência e religião não são tipos naturais; tampouco são propensões universais dos seres humanos, nem características necessárias das sociedades humanas. Antes, são modos de conceituar determinadas atividades humanas – modos peculiares à cultura ocidental moderna, tendo surgido em decorrência de circunstâncias históricas singulares. (HARRISON 2017a: 206)

De acordo com o historiador, portanto, *ciência* e *religião* não são tipos naturais, mas sim conceitos artificiais. Entretanto, embora tais categorias sejam oscilantes, é preciso admitir que elas ocupam uma posição sólida na sociedade contemporânea. Assim, utilizamos os conceitos de *ciência* e *religião* de maneira sensível às suas limitações e distorções – tanto históricas como conceituais.

No contexto do debate sobre a interação entre ciência e religião, uma das abordagens mais influentes é aquela dos *modelos de interação* propostos por Ian Barbour.⁵ Em sua tipologia, Barbour propõe que existem ao menos quatro modelos de interação entre ciência e religião, os quais são: *conflito*, *independência*, *integração* e *diálogo* (BARBOUR 1997: 76-100). Tais

⁵ O tema da relação entre religião e ciência é bem mais antigo: as suas raízes afundam até a constituição da própria modernidade. No que se refere ao debate contemporâneo, seria naturalmente impossível descrever e discutir de modo completo tanto as definições de ciência (envolvendo debates sobre paradigmas, realismo, explicação, dentre muitos outros) quanto de religião. Para um tratamento mais aprofundado, recomendamos a literatura referenciada nesta seção, especialmente: STEWART (2010), NUMBERS (2020), MCGRATH (2020).

modelos são matrizes teóricas transdisciplinares, e servem como ferramentas para qualificarmos de modo mais preciso as relações históricas, sociais e filosóficas entre ambos os campos.⁶ Tal sistematização é bastante utilizada, e muito apropriada ao tipo de análise que buscamos fazer aqui. Dentre os modelos que Barbour propõe, nos interessam particularmente os de conflito e de diálogo.⁷

O modelo de *conflito* reúne afirmações ou narrativas nas quais ciência e religião estão, como o nome já indica, em «guerra permanente», seja dos pontos de vista histórico, filosófico ou teológico. Tal modelo já foi bastante aceito pela comunidade acadêmica e é bem conhecido até hoje, graças à publicação de obras influentes que perpetuaram essa tese.⁸ Diversas afirmações endossam o modelo de conflito; uma ocasião que exemplifica este modelo ocorreu no Brasil, no início de 2019, quando começou a circular na *internet* um vídeo da ministra Damares Alves dizendo que os cristãos haviam perdido o «controle» da ciência ao deixarem a teoria da evolução entrar nas escolas e ao permitirem que a atividade científica fosse autônoma (HOLLANDA 2019). A fala de Damares pressupõe, quase indiscutivelmente, que há um conflito entre a teoria científica da evolução e a fé cristã. Mas o caso foi além: ao saber dessa declaração, o ministro Marcos Pontes afirmou: «não se deve misturar ciência com religião» (LARA 2019). As falas podem ter diversas interpretações, mas do ponto de vista da presente análise, a «discordância» entre os políticos nesse episódio é superficial: na verdade, ambos aceitam como pressuposto que entre ciência e religião há uma relação conflituosa.

Na academia, um exemplo de instância do modelo do conflito são as diversas narrativas de secularização, segundo as quais o avanço da ciência necessariamente levaria ao fim da religião.⁹ Do ponto de vista filosófico e teológico, podemos mencionar o *naturalismo*, tido

⁶ Essa tipologia pode ser aplicada tanto a análises pertinentes a cada área do conhecimento (ou seja, a interação entre ciência e religião do ponto de vista filosófico, histórico etc.) quanto a análises mais transversais, como a que propomos aqui.

⁷ Os outros dois modelos que Barbour apresenta são: o modelo de independência, em que ciência e religião são preconizados como aspectos não-interferentes da realidade (como na conhecida tese dos «magistérios não-interferentes» de Stephen Jay Gould), e o modelo de fusão, em que propõe-se que tais campos sejam de algum modo integrados em uma visão unitária (BARBOUR 1997: 76-100, 2000: 11-47).

⁸ John Hedley Brooke (1991: 45-48) menciona que a publicação de *History of the conflict between religion and science* (1875), por John W. Draper, e de *A history of the warfare of science with theology in Christendom* (1895) por Andrew Dickson White, influenciaram muito o debate, ao afirmarem que a ciência moderna nasceu em tensão com o cristianismo. Tal afirmação foi contestada por grande parte da historiografia recente. A esse respeito, confira também: HARRISON 2017b: 51; BARBOUR 1997: 29.

⁹ Esse tipo de narrativa também já tem sido amplamente questionado academicamente. Peter Berger, por exemplo, é um dos teóricos que reconsiderou sua tese da secularização, ao notar que o fenômeno não se deu de forma generalizada, como antes havia previsto (BERGER 1996: 3-12). A esse respeito, conferir também: HABERMAS (2011) e TAYLOR (2011).

como a ideia de que tudo o que existe é natural, de modo que crenças religiosas transcendentais deveriam ser rejeitadas; e o *literalismo bíblico*, entendido como a visão de que a Bíblia deve ser interpretada literalmente e, desse modo, contém afirmações incompatíveis com afirmações científicas sobre as origens do universo e da vida. É importante enfatizar que, embora tais perspectivas sejam completamente opostas, *ambas* concluem que ciência e religião são atividades, atitudes, ou pontos de vista incompatíveis entre si, aceitando de modo tácito que existe um conflito inerente entre elas, seja de ordem científico-filosófica, seja de ordem teológico-religiosa (BARBOUR 1997: 89).

O modelo de *diálogo*, por sua vez, descreve tentativas de estabelecer que ciência e religião são campos relativamente autônomos, mas que interagem de modo mais complexo do que o de simples conflito ou independência, e tal interação é descrita por meio de aproximações, analogias e semelhanças entre essas esferas. De acordo com Barbour, uma narrativa pode ser considerada como exemplo do modelo de diálogo entre ciência e religião quando ela pressupõe que esses campos têm semelhanças em seus pressupostos, métodos, conceitos e/ou explicações (BARBOUR 2000: 23).

Barbour propõe que, enquanto ciência e religião são campos distintos, eles preservam suas especificidades quanto a métodos, objetos e finalidades, bem como sua autonomia com respeito a seus próprios âmbitos de atuação. Não obstante, é necessário compreender que eles podem ter aproximações e semelhanças relevantes. Por exemplo: tanto a ciência quanto a religião são atividades comunitárias, baseadas em testemunho, que formulam teorias interpretativas internas; ambas possuem objetos distintos mas, a princípio, complementares (sendo a realidade natural o objeto da ciência, e a integração entre natural e não-natural o objeto da religião); e, por fim, ambas têm por finalidade a busca da verdade (verdades científicas e verdades religiosas).¹⁰

Não nos cabe aqui descrever instâncias de diálogo exaustivamente, mas um paradigma desse modelo são as diversas contribuições do islã medieval para a ciência - por exemplo, o primeiro observatório astronômico foi criado em Bagdá, em 828, por astrônomos muçulmanos

¹⁰ Por questão de brevidade, não abordaremos esse tópico exaustivamente, mas é claro que abordagens teóricas que explicitem tais aproximações são relevantes. Uma delas é aquela que se vale do conceito de paradigmas científicos, como na obra de Thomas Kuhn (2013). Esta noção foi apropriada por Barbour para também caracterizar fenômenos religiosos e explicações teológicas, de modo a promover diálogo entre os dois campos (BARBOUR 1997).

que desejavam aumentar o conhecimento dos céus.¹¹ Um outro representante do modelo de diálogo, mais contemporâneo, é o teísmo evolutivo, que defende que crer no Deus do teísmo clássico e endossar a teoria da evolução são posturas compatíveis.¹²

O próprio Barbour entende que o modelo de diálogo é mais frutífero que o de conflito quando olhamos para a interação entre ciência e religião na realidade (BARBOUR 1997: 77-105). Um olhar a partir de diferentes disciplinas nos dá plausibilidade para ao menos considerar o diálogo como uma opção relevante. De um ponto de vista filosófico, há tanto filósofos que defendem o modelo de conflito (em geral, de natureza epistemológica)¹³ quanto que defendem o modelo de diálogo.¹⁴ Há também quem defenda que certas crenças religiosas podem ser harmonizadas com a ciência, mas que outras crenças religiosas conflitam com a ciência de modo profundo.¹⁵

Por fim, historiadores contemporâneos consideram que ciência e religião tiveram uma interação histórica mais complexa do que a de puro e simples conflito,¹⁶ defendendo até que o cristianismo, em particular, forneceu parte dos pressupostos necessários para o surgimento da ciência moderna (MERTON 1938; HOOYKAAS 1988; BROOKE 1991; HARRISON 2017a). Assim, o debate acadêmico recente oferece plausibilidade teórica para o diálogo entre ciência e religião, e vai de encontro à crença comumente difundida de que esses dois campos devem necessariamente estar em conflito. Resta-nos avaliar de que modo o modelo do conflito tem sido instanciado no contexto da pandemia por COVID-19 e, sobretudo, como a adoção do modelo de diálogo pode ser mais frutífera de diversos pontos de vista, dos quais ressaltamos a autoridade social da ciência e a manutenção da saúde pública.

¹¹ Para uma reflexão mais aprofundada sobre as contribuições do islã medieval para a ciência: NUMBERS 2020 (cap. 4).

¹² Uma exposição do teísmo evolutivo do ponto de vista cristão evangélico é fornecida por HAARSMA (2019).

¹³ Algumas contribuições do filósofo Daniel Dennett são exemplares nesse sentido. Confira por exemplo: Dennett (1996).

¹⁴ Confira por exemplo: STEWART (2010).

¹⁵ Nesse sentido, o filósofo Alvin Plantinga defende que, do ponto de vista epistemológico, há conflito superficial, mas concordância profunda entre a ciência e a crença cristã básica, enquanto por outro lado, há concordância superficial, mas conflito profundo entre a teoria da evolução e o naturalismo, entendido como uma crença quase-religiosa (PLANTINGA 2018).

Vale a pena conferir também o debate entre Alvin Plantinga e Daniel Dennett, filósofos que defendem posições contrárias na discussão sobre a relação entre ciência e religião (PLANTINGA-DENNETT 2010).

¹⁶ Confira por exemplo: Hooykaas (1988; 1999), Brooke (1991), Barbour (1997; 2000), Harrison (1998; 2017a), Harrison-Roberts (2019).

3. Crenças religiosas e a autoridade da ciência em tempos de pandemia: a necessidade do diálogo

Se durante a pandemia o parecer científico é de extrema importância para a manutenção da saúde e da vida de cada indivíduo, é também neste período que a desconfiança na ciência por parte de alguns grupos religiosos da sociedade fica mais evidente e preocupante. Uma pesquisa do Datafolha feita em abril de 2020, por exemplo, que ouviu 1.511 pessoas pelo telefone, mostrou que, dentre os evangélicos, 44% consideram que a população deveria sair para trabalhar, em vez de permanecer em isolamento, enquanto na população em geral esse número é de 37% (BÄCHTOLD 2020). Desde maio de 2020, o Brasil se tornou um dos países cuja população menos tem cumprido o protocolo de isolamento social, com efeitos muito prejudiciais.¹⁷

A abertura de igrejas, quando a OMS e instituições científicas recomendavam fortemente o isolamento, revela não só o questionamento de alguns setores religiosos quanto à importância do isolamento, mas também coloca, por vezes, ciência e religião em tensão. Por exemplo, a Igreja Mundial do Poder de Deus (neopentecostal), no centro de São Paulo, realizou um culto com cerca de 3000 pessoas no dia 3 de maio, presidido por seu líder Valdemiro Santiago. Na ocasião, Valdemiro chegou a afirmar que «a cura disso aí não é pelo cientista, mas pelo poder de Jesus Cristo» (DE CAMPOS et al. 2020), sendo respondido com muitos aplausos. É evidente que há diversos fatores teológicos, sociais e até políticos por trás de discursos como esse. Entretanto, não podemos ser reducionistas: do ponto de vista da análise estabelecida, um discurso que coloca uma antítese entre «o cientista» e «o poder de Jesus Cristo» só tem ressonância em um contexto em que a capacidade e a autoridade da ciência são colocadas em xeque, enquanto a autoridade das crenças religiosas permanece relativamente estável.

Isso não ocorre só no Brasil; nos Estados Unidos, por exemplo, ocorreram casos parecidos. Em abril de 2020, na conferência anual *Q Ideas*, que reuniu milhares de líderes cristãos de forma virtual tematizando o momento de pandemia, afirmações regadas de teorias

¹⁷ No dia 22 de maio de 2020, o índice de adesão à quarentena no Brasil bateu 41,2% segundo os dados da Inloco (plataforma de geolocalização, que coleta informações a partir de uma base de 60 milhões de celulares). O índice recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), no momento, era de 70% (INLOCO 2020).

da conspiração e alegações anti-científicas foram recorrentes. Uma delas foi feita por Josh Axe, que disse que «Deus criou seu corpo para ser capaz de combater vírus, você só tem que seguir sua Palavra e seguir os princípios da Bíblia», recomendando uso de óleos, suplementos de ervas e pensamentos felizes. Conforme relatado, Axe disse ainda que

Ao seguir esta receita, mostraremos que temos fé em Deus, em vez de «fé em uma pílula ou em uma injeção» — uma tradução perturbadora da velha dicotomia fé-*versus*-ciência para o campo da medicina. Lyons [fundador da *Q Ideas*] deu apoio entusiasmado a essas falas («nós... temos outra opção para combater vírus do que apenas depender da medicina») (HAARSMA et al. 2020).

É necessário salientar que esse fenômeno não é genérico. Um estudo recente, que coletou posicionamentos de diversos grupos religiosos brasileiros, revela que a igreja católica, igrejas protestantes históricas e certas igrejas pentecostais clássicas estabeleceram diretrizes mais sérias no sentido de aderir às normas de isolamento, ao passo que certas igrejas de matriz neopentecostal resistiram às normas sanitárias, a despeito da preocupação de muitos fiéis (OLIVEIRA et. al. 2020: 273-275). Apesar disso, diversos líderes procuraram argumentar que as igrejas deveriam ficar abertas, para prestar serviço à população,¹⁸ e isso resultou inclusive em projeto de lei federal que preconizava que igrejas e templos seriam atividades essenciais na pandemia (MACHADO 2020).

É evidente que há um indício de conflito entre ciência e religião quando a autoridade de afirmações científicas é questionada, enquanto crenças religiosas permanecem firmes. Entretanto, é inegável que, em um momento distópico, marcado pela «catástrofe da respiração», igrejas sirvam como redes de solidariedade e apoio existencial fundamental, muito mais do que a afirmações científicas. Peter Harrison afirma que, diferentemente do que estabelecem algumas narrativas de secularização, a ciência não veio a substituir historicamente o papel das religiões (HARRISON 2017b: 47-70); pelo contrário, em muitos lugares percebe-se que a ciência ainda é *mais* vulnerável socialmente que a religião. Como afirma o próprio autor:

Cientistas, intelectuais e cientistas sociais esperavam que o avanço da ciência moderna incentivaria a secularização – que a ciência seria uma força da secularização. Mas isso simplesmente não vem acontecendo. As

¹⁸ O exemplo de Silas Malafaia, famoso pastor pentecostal, é paradigmático, ao defender que igrejas, mesmo que não tivessem cultos, serviam como «hospital espiritual e emocional» e por isso, não podiam ser fechadas (ARAÚJO 2020).

características principais que as sociedades em que a religião continua forte têm em comum estão ligadas menos à ciência do que a sentimentos de segurança existencial e proteção contra algumas das incertezas fundamentais da vida, sob a forma de bens públicos. Uma rede de seguridade social pode estar correlacionada a avanços científicos, mas apenas de maneira fraca [...] (HARRISON 2017c).

Tendo em vista que a religião ainda persiste como fonte de segurança pessoal, o historiador afirma que defender a narrativa de conflito não é o melhor caminho para restaurar a autoridade da ciência. Em ressonância com o que argumentamos na seção anterior, Harrison defende explicitamente que o modelo de conflito não é o mais defensável, mas ele vai além: para ele, a legitimidade da atividade científica é colocada em risco quando sociedades religiosas acreditam que há um conflito perene entre suas crenças e a ciência. Harrison, então, conclui que:

A religião não vai desaparecer no futuro próximo, e a ciência não vai destruí-la. Na realidade, é a ciência que sofre ameaças crescentes à sua autoridade e legitimidade social. Em vista disso, a ciência precisa de todos os aliados possíveis. Seus defensores fariam bem em parar de retratar a religião como sua inimiga ou de insistir que o único caminho para um futuro seguro está no casamento entre ciência e secularismo. (HARRISON 2017c)

Diante de tudo o que foi dito, podemos notar que, no Brasil e no mundo, diversos grupos religiosos frequentemente têm dificuldades com a aceitação de afirmações científicas, realidade que se tornou mais escancarada durante a pandemia. Entretanto, isso não ocorre devido ao suposto conflito inerente entre ciência e religião. Nosso diagnóstico é de que, na verdade, o questionamento quanto à autoridade da ciência é apenas mais uma instância do modelo de conflito entre ciência e religião. Esse modelo, quando propagado e endossado (ou até cooptado para fins alheios), pode criar uma atmosfera de desconfiança com relação à ciência, colocando em xeque sua autoridade e legitimidade em ambientes religiosos. Isso, no entanto, não ocorre necessariamente de forma consciente, como nas grandes teorias conspiratórias em que se negam explicitamente os pareceres científicos; muitas vezes, a narrativa de conflito age como um elemento tácito ou pressuposto. Nos piores casos, se a ciência é colocada como inimiga da religião, se estabelece uma certa ressonância entre diferentes narrativas de conflito, fazendo com que grupos religiosos entendam a ciência como agente de desmobilização religiosa - a consequência é que o discurso científico se anula dentro desses grupos.

Desse modo, com o intuito de recuperar a autoridade da ciência, qual deve ser a abordagem mais adequada? Como cientistas, educadores e formadores de opinião podem trabalhar para conquistar, junto a públicos religiosos, como os do Brasil, da América Latina e da África, a legitimidade da ciência? Nossa proposta, em vista do que foi dito, é que o modelo de conflito entre ciência e religião não é o mais efetivo, não só do ponto de vista de sua *veracidade* (como argumentamos na seção 2), mas também de sua *pertinência*. Ainda mais numa crise como a da pandemia por COVID-19, talvez seja ineficaz alimentar a tensão e fazer religiosos escolherem entre exercer suas religiões ou seguir recomendações da comunidade científica.¹⁹ É possível até mesmo que, se tiverem que escolher entre ciência e religião, eles escolham a segunda. Nosso ponto, porém, é que talvez elas não precisem escolher.

Nesse cenário, propomos que é necessária a reconstrução de um diálogo saudável entre ciência e religião, que retome o papel da ciência como uma fonte confiável de conhecimento no espaço público. Diante da análise apresentada e da constatação que religiões devem permanecer como fonte de seguridade social e existencial por algum tempo em muitas sociedades, estabelecer o diálogo público entre cientistas e religiosos é fundamental. Conforme aponta Rosana Pinheiro-Machado, em matéria para o portal Intercept Brasil:

Hoje, qualquer medida de combate ao coronavírus terá que se conectar com a fé e as demandas populares. Não é razoável tachar como ignorantes os evangélicos desse grupo e desprezar o setor que mais cresce no Brasil. É uma realidade que se impõem cada vez mais no país e para a qual não se pode fechar os olhos. Se a ciência é a arma que usamos para combater o coronavírus, não é suficiente — ou mesmo eficaz — impô-la de cima para baixo a um segmento que não consegue aderir totalmente a esse discurso de imediato. [...] Nunca foi tão importante que cientistas promovam debates e ações junto a religiosos para criar maior conscientização da população de que o distanciamento de hoje é a vida de amanhã. (PINHEIRO-MACHADO 2020)

Endossar o modelo do diálogo é uma estratégia que tem potencial para recuperar a autoridade da ciência dentro dos grupos religiosos, por tirar a ciência da posição de disputa com a religião. Dentro dessa leitura, não basta fornecer educação científica, embora isso seja também extremamente necessário; é preciso convencer os religiosos de que a ciência não só

¹⁹ Há questões políticas em jogo, e isso seria matéria de outro estudo. É evidente que a segurança e a relevância pessoal e social da religião em momentos de crise se tornam fatores políticos relevantes. Como afirma Pinheiro-Machado (2020) ao comentar sobre a ação social das igrejas durante a pandemia: «Quanto maior a crise, mais as pessoas precisam da Igreja e mais se alinham a Bolsonaro». Entretanto, é importante perceber que fatores políticos não anulam a análise estabelecida: pois se o discurso governista tem ganhado força questionando a autoridade da ciência enquanto afirma a da religião, então endossar que existe um conflito inerente entre ciência e religião pode favorecer discursos anti-científicos, quando precisamos combatê-los.

não é, necessariamente, incompatível com a religião, como também que ela é um *bem comum* a ser preservado e que tem autoridade dentro de sua esfera de atuação.²⁰ Em tempos de pandemia, aceitar que ciência e religião não são incompatíveis pode parecer só uma questão intelectual, mas em alguns casos, é também uma questão de preservação da saúde e até da vida.

4. Considerações finais

Neste artigo, buscamos avaliar como o dilema entre autoridade científica e crença religiosa, presente implícita ou explicitamente em debates sobre a pandemia no Brasil, se relaciona com a ideia de que há um conflito inerente entre ciência e religião. Para isso, empregamos as contribuições de Barbour e Harrison sobre a relação entre ciência e religião. Conforme o que foi exposto, o debate acadêmico dá respaldo para a adoção do modelo de diálogo, ou ao menos, o reconhecimento de que a relação entre ciência e religião é mais complexa do que o modelo de conflito propõe.

A partir da análise proposta, podemos verificar que, no debate público em geral, o modelo do conflito é comumente instanciado, e tem servido de motor para o presente sentimento de desconfiança de comunidades religiosas (dentre as quais certos grupos evangélicos se destacam) com relação a afirmações científicas sobre a pandemia. Assim, defendemos que esse tipo de modelo pouco tem a oferecer para o restabelecimento da legitimidade da ciência em grupos religiosos, e propomos que o endossamento de um modelo de diálogo pode ser uma estratégia com resultados mais promissores.

Sabendo que em tempos de pandemia, a autoridade da ciência é de essencial importância para a proteção da saúde pública, desenvolver e endossar modelos de diálogo se torna, assim, uma tarefa urgente. Assim, a presente contribuição também levanta um desafio. Reconhecemos que estabelecer diálogo entre comunidades científicas e religiosas não é uma tarefa fácil, e concordamos que isso inclui uma mudança na cultura, tanto por parte de religiosos quanto por

²⁰ Tomando ainda os evangélicos como exemplo, vale lembrar que grande parte deles representa uma parcela significativa da população vulnerável do país. Isso é revelado também no censo de 2010 do IBGE, que indica que os evangélicos pentecostais são o grupo religioso com maior proporção de pessoas com rendimento de até 1 salário mínimo (63,7%). Fatores de vulnerabilidade social como este são tanto uma dificuldade quanto uma motivação para transpor a barreira entre os campos científico e religioso.

parte de cientistas. Por essa razão, educadores e divulgadores científicos,²¹ bem como movimentos políticos e entidades que busquem articular o diálogo entre ciência e fé em diferentes níveis,²² têm papel essencial. Finalmente, entendemos que isso é também responsabilidade das comunidades científica e acadêmica em geral, que devem ter protagonismo na preservação da ciência como um bem comum a *todos* os setores da sociedade.

BIBLIOGRAFIA

- AA VV. «The Crafty Attacks on Evolution», in: *The New York Times*, 13 jan. 2005. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2005/01/23/opinion/the-crafty-attacks-on-evolution.html> acessado em 13 de outubro de 2020.
- ARAÚJO, Thalís. «Eu estou 100% certo, diz Silas Malafaia sobre manter as igrejas abertas em tempo de coronavírus», in: *Jornal do Commercio*, 23 mar. 2020. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/brasil/2020/03/5603335--eu-estou-100--certo---diz-silas-malafaia-sobre-manter-as-igrejasabertas-em-tempo-de-coronavirus.html> acessado em 13 de outubro de 2020.
- BÄCHTOLD, Felipe. «Evangélicos têm tendência pró-Bolsonaro e relativizam mais coronavírus, indica Datafolha», in: *Folha de S. Paulo*, 10 abr. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/evangelicos-tem-tendencia-pro-bolsonaro-e-relativizam-mais-coronavirus-indica-datafolha.shtml?cmpid=assmob&origin=folha> acessado em 13 de outubro de 2020.
- BALLOUSSIER, Ana Virginia. «Evangélicos podem desbancar católicos no Brasil em pouco mais de uma década», in *Folha de S. Paulo*, 14 jan. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/evangelicos-podem-desbancar->

²¹ Compreender como os modelos de conflito e diálogo são relevantes para o ensino de ciências é preponderante para um diálogo efetivo com crianças religiosas. A esse respeito, veja, por exemplo (SHANE et. al. 2016).

²² Associações como a *Christians in Science* (UK), a *American Scientific Affiliation* (USA) e a Associação Brasileira de Cristãos na Ciência (Brasil) são exemplos de entidades civis que se propõem a estabelecer um diálogo público bastante sólido entre ciência e fé cristã, por meio de diversas iniciativas, tanto nas igrejas como na academia.

- catolicos-no-brasil-em-pouco-mais-de-uma-decada.shtml acessado em 13 de outubro de 2020.
- BARBOUR, Ian. *Religion and science: historical and contemporary issues*. San Francisco: Harper One, 1997.
- BARBOUR, Ian. *When science meets religion: enemies, strangers, or partners?* San Francisco: Harper San Francisco, 2000.
- BERGER, Peter. «Secularism in retreat», in: *The National Interest*, v. 46, 1996, pp. 3-12.
- BROOKE, John Hedley. *Science and religion: some historical perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- CARDOSO, Thaís. «Grupos antivacina mudam foco para COVID- 19 e trazem sérios problemas à saúde pública», in: *Jornal da USP*, 31 mar. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-da-saude/grupos-antivacina-mudam-foco-para-covid-19-e-trazem-serios-problemas-a-saude-publica/> acessado em 13 de outubro de 2020.
- DE CAMPOS, João Pedroso; BATISTA JR., João; GONÇALVES, Eduardo. «Por que o Brasil se tornou campeão mundial da desordem na quarentena», in: *Veja*, 8 mai. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/por-que-o-brasil-se-tornou-campeao-mundial-da-desordem-na-quarentena/> acessado em 13 de outubro de 2020.
- DENNETT, Daniel. *Darwin's Dangerous Idea: Evolution and the Meanings of Life*. New York: Simon & Schuster, 1996.
- DENNETT, Daniel; PLANTINGA, Alvin. *Science and religion: are they compatible?*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- HAARSMA, Deborah. *Criação evolucionária*, in: STUMP, James B. *A origem: quatro visões cristãs sobre criação, evolução e design inteligente*. São Paulo: Thomas Nelson, 2019, pp. 124-221.
- HAARSMA, Deborah; STUMP, Jim; BULLER, David. «Para além de ‘Plandemic’: Uma Resposta Cristã às Conspirações», in: *Associação Brasileira de Cristãos na Ciência*, 14 mai. 2020. Disponível em: <https://www.cristaosnaciencia.org.br/uma-resposta-crista-as-conspiracoes/> (Artigo original disponível em: <https://biologos.org/articles/beyond-plandemic-a-christian-response-to-conspiracies>) acessado em 13 de outubro de 2020.

- HABERMAS, Jürgen. «The political: The rational meaning of a questionable inheritance of political theology», in: MENDIETA, Eduardo, VANANTWERPEN; Jonathan. *The power of religion in the public sphere*. New York: Columbia University Press, 2011.
- HARRISON, Peter. *The Bible, Protestantism, and the rise of natural science*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- HARRISON, Peter. «Ciência e religião: construindo os limites», in: *Revista de Estudos da Religião*, mar 2007, pp. 1-33.
- HARRISON, Peter. *Os territórios da ciência e da religião*. Viçosa: Ultimato, 2017a.
- HARRISON, Peter. «Science and secularization», in: *Intellectual History Review*, v. 27, n. 1, 2017b, pp. 47-70.
- HARRISON, Peter. «Ideia de que ciência e religião sejam inimigas não resiste a análise histórica», in: *Folha de S. Paulo*, 13 de setembro de 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/09/1917894-a-religiao-nao-vai-desaparecer-e-a-ciencia-nao-vai-acabar-com-ela.shtml> (2017c) acessado em 13 de outubro de 2020.
- HOLLANDA, Mariana. «Deixamos a teoria da evolução entrar nas escolas, disse Damares Alves», in: *O Estado de S. Paulo*, 9 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,deixamos-a-teoria-da-evolucao-entrar-nas-escolas-disse-damares-alves,70002673258> acessado em 13 de outubro de 2020.
- HOOYKAAS, Reijer. *A religião e o desenvolvimento da ciência moderna*. Brasília: Editora da UnB, 1988.
- HOOYKAAS, Reijer. *Fact, Faith and Fiction in the Development of Science*. Dordrecht: Springer, 1999.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo demográfico 2010*. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html> acessado em 13 de outubro de 2020.
- INLOCO. *Mapa brasileiro da COVID-19* (Página da web). Disponível em: <https://mapabrasileirodacovid.inloco.com.br/pt/> acessado em 13 de outubro de 2020.
- KUHN, THOMAS S. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- LARA, Matheus. «Marcos Pontes rebate Damares: Não se deve misturar ciência com religião», in: *O Estado de S. Paulo*, 10 jan. 2019. Disponível em:

- <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,marcos-pontes-rebate-damares-nao-se-deve-misturar-ciencia-com-religiao,70002674336> acessado em 13 de outubro de 2020.
- MACHADO, Ralph. «Proposta determina que igrejas e templos sejam atividades essenciais na pandemia», in: *Agência Câmara de Notícias*, 26 jun 2020. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/671709-proposta-determina-que-igrejas-e-templos-sejam-atividades-essenciais-na-pandemia> acessado em 13 de outubro de 2020.
- MCGRATH, Alister. *Ciência e religião: fundamentos para o diálogo*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.
- MERTON, Robert. «Science, technology and society in seventeenth century England», in: *Osiris*, v. 4, 1938, pp. 360-632.
- NUMBERS, Ronald. *Galileu vai à prisão: e outros mitos sobre ciência e religião*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana. «Coronavírus: como as igrejas evangélicas estão se aproveitando da crise para ocupar o vácuo do estado», in: *The Intercept Brasil*, 14 abr. 2020. Disponível em: <https://www.theintercept.com/2020/04/14/coronavirus-igrejas-evangelicas/> acessado em 13 de outubro de 2020.
- QUEIROZ, Christina. «O crescimento da fé evangélica», in: *Nexo*, 9 dez. 2019. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/externo/2019/12/09/O-crescimento-da-f%C3%A9-evang%C3%A9lica> acessado em 13 de outubro de 2020.
- SHANE, Joseph W., BINNS, Ian C. et al. «Beyond Evolution: Addressing Broad Interactions Between Science and Religion in Science Teacher Education», in: *Journal of Science Teacher Education*, v. 27, 2016, pp. 165-181.
- STEWART, Melville. *Science and religion in dialogue*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.
- OLIVEIRA, C.D.M., RIBEIRO, F., et al. «As organizações religiosas brasileiras frente à pandemia de Covid-19», in: *Journal of Latin American Geography*, v. 19, n. 3, July 2020, pp. 272-279.
- PLANTINGA, Alvin. *Ciência, religião e naturalismo: onde está o conflito?* São Paulo: Vida Nova, 2018.
- TAYLOR, Charles. «Why we need a radical redefinition of secularism». in: MENDIETA, Eduardo, VANANTWERPEN; Jonathan. *The power of religion in the public sphere*. New York: Columbia University Press, 2011, pp. 15-33.